

**A AMAZÔNIA NOS RELATOS DE VIAGENS E SUA IMPORTÂNCIA COMO
FONTES HISTÓRICAS**

Maria Cirlene Carvalho de Jesus¹
Prof. ME. Luziane Nair Lobato dos Santos²

RESUMO: Este Artigo teve por objetivo realizar uma pesquisa sobre os relatos de viagens, tendo como objetivo principal a região amazônica e sua importância como fontes históricas, e se deu através de uma disciplina estudada, no qual foi despertado o interesse de se aprofundar ainda mais na História dos viajantes, escolhendo assim alguns autores, e buscando mais conhecimento sobre os mesmos. Procurando entender como se deu o interesse dessa viagem, aqueles que por motivos particulares, decidiram fazer uma viagem ao Brasil tendo como objetivo principal a região Amazônica para conhecer e estudar as riquezas desse lugar. Alguns vieram com o objetivo de realizar negócios, e outros buscavam interesse em fazer estudos sobre a fauna e flora, riquezas minerais e das regiões tropicais. Esses viajantes registravam em seus diários e livros, suas impressões sobre a terra e seus costumes, suas observações foram extremamente importantes para a elaboração da ideia do Brasil na Europa.

Palavra Chave: Viajantes Naturalistas. Amazônia. Fontes Históricas.

1. Introdução

O desejo de conhecer o Brasil não vinha apenas de acadêmicos europeus, pois muitos estrangeiros, sendo eles cientistas ou não, possuíam o desejo de conhecer o país, os mesmos percorreram parte do território brasileiro e escreveram suas impressões acerca do Brasil, e em especial, da região Amazônica, no qual produziram relatos de total importância para muitos historiadores desse país. Os mesmos relatavam suas vivências e suas observações no território brasileiro de acordo com seus interesses e formações.

Os naturalistas do século XIX eram viajantes europeus, que descreviam suas viagens a lugares do novo mundo, buscando legitimidade na ciência natural, esses eram responsáveis por descrever a fauna e flora, os povos, e seus aspectos culturais. As narrativas passaram a descrever o olhar científico desses viajantes, que possuíam a

¹ Graduanda do curso de licenciatura História mediado por tecnologia, Núcleo de ensino superior de Ipixuna, Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: mcirlenecarvalho@gmail.com

² Mestre em História social pela Universidade Federal do Estado do Amazonas- UFAM. E-mail: Luziane.historia@gmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

necessidade de ver com seus próprios olhos, e descreviam tudo que encontravam em suas expedições.

Como os viajantes estrangeiros não possuíam um conhecimento sobre terras brasileiras, ao chegar a região amazônica, tudo parecia muito novo e admirável comparado ao olhar brasileiro. Os relatos de viajantes estrangeiros possuíam qualidades e eram abordados de uma forma incisiva, aspectos que passam de maneira involuntária, ou até mesmo ausente em outros tipos de fontes.

A escolha do tema deste trabalho de conclusão de curso se deu através da minha trajetória no curso de história, mas especificamente quando tive contato com a disciplina de História do Brasil I, e com isso as disciplinas que abordavam sobre os viajantes fez com que fosse despertando o interesse em abordar, estudar e pesquisar ainda mais sobre o tema, buscando compreender os motivos que fizeram com que esses europeus percorressem o Brasil e a região amazônica, deixando seus relatos, seja em cartas ou diários.

O objetivo geral deste trabalho, é entender e compreender o quanto esses relatos de viagens foram, e continuam sendo importantes para a historiografia. Logo, os objetivos específicos são: compreender os olhares desses viajantes sobre a região em que vivemos hoje. Assim como, identificar os aspectos culturais dos povos que são relatados nesses relatos de viagens.

As fontes de pesquisas e metodologias que serão usadas, são através de artigos, livros, e também o relato do naturalista Alfred Russel Wallace com seu livro “Viagem pelo Amazonas e Rio Negro” e Luís Agassiz com “Viagem ao Brasil” no qual destaca também sua experiência com viagens aos redores do Amazonas.

Em sua obra Alfred Russel relata que começou a estudar a História natural e também era apaixonado por relatos de viagens, possuía o ardente desejo de visitar as regiões tropicais, afim de estudar a fauna e flora, junto com um amigo organizaram uma expedição ao Amazonas com o intuito de colher e fazer coleção do que interessasse a história natural.

Agassiz relata ser um naturalista que se sentia atraído pelo Brasil e pelas Histórias de viajantes, e começa a sua viagem pelo Brasil no qual foi despertado a ideia de estudar a fauna desse país. Ao encontrar um amigo lhe explicou o desejo dos seus planos de viagens, a viagem lhe foi custeada juntamente com seis auxiliares.

Sendo assim, o primeiro capítulo, cujo o título “A importância dos Relatos de Viagens para a Historiografia”, têm o objetivo de elucidar sobre a importância desses relatos como fontes historiográficas, e também para os estudos acadêmicos no qual se tornam fundamentais fontes documentais de pesquisa. No capítulo será abordado, sobre o desejo e o imaginário europeu em relação ao Brasil e a região amazônica.

No segundo capítulo intitulado “A viagem ao Amazonas de Alfred Russel e Luís Agassiz”, o foco será abordar sobre esses dois viajantes que desde muito cedo mostraram serem naturalistas com o desejo de viajar para o Brasil e conhecer a região amazônica, com o objetivo de estudar e conhecer as riquezas dessa região.

Assim, podemos, a partir da vivência desses dois viajantes, conhecer um pouco sobre seus olhares, pensamentos e as experiências construídas por ambos em suas narrativas, pois é de total importância entendermos e ficarmos por dentro de suas histórias e também da trajetória de suas viagens e experiências, para que assim, possamos entender desses relatos de viagens.

2. A importância dos Relatos de Viagens para a Historiografia

Para que sejam abordados os aspectos aos quais esse estudo se propõe, se faz necessário, primeiramente realizar uma pesquisa geral acerca dos relatos de viajantes e sua importância, tendo como objetivo principal a região amazônica, pois através desses relatos, se é despertado certas curiosidades, e é de total importância saber como se deu todo esse processo, buscando assim o aprofundamento da temática.

É considerável ressaltar a importância dos relatos de viagens pois, trazem experiências, descobertas e reflexões de autores diversos. Para Fernandes, Carvalho e Campos (2020 p. 8) as narrativas de viagens são conhecidas a vários séculos, e a décadas vêm ganhando interesse especial das academias, gerando também importantes fontes para pesquisas.

Os relatos de viagens são indispensáveis pois através deles são descobertos muitos fatos em relação a determinado território, sendo também essencial para os estudos acadêmicos, pois são consideradas fundamentais fontes documentais de pesquisas no qual são usadas principalmente no curso de História e Literatura. Esses relatos de viagens apresentam a finalidade de relatar, narrar, descrever e ajudar a entender esses contextos.

Por isso, é importante interligar a Historiografia e as diversas interfaces existentes por trás das literaturas. Pois esses relatos podem ser considerados categorias de fontes mais clássicas na Historiografia. As amplas possibilidades de pesquisas a partir destas fontes podem ser explicadas pela diversidade que lhes é caracterizada.

Esses viajantes se deslocavam de várias regiões da Europa. Alguns se dedicavam ao estudo da natureza, buscando compreender os vegetais, astros, animais, entre outros. Já outros possuíam ligação com a nobreza e percorriam solos brasileiros com o intuito de revelar recursos naturais e suas riquezas para estes nobres que os contratavam para essas expedições.

Segundo Fernández e Fernandes (2020 p. 20) no século XVIII e XIX, diversos viajantes naturalistas percorriam o território Brasileiro em expedições científicas, no qual produziam relatos. A evangelização mobilizou a diversos missionários e de várias ordens religiosas, que aproveitaram para fazerem seus registros e narraram suas viagens pelo novo continente.

O Brasil recebia a visita de diversos viajantes, estudiosos, artistas, cientistas, entre outros. Alguns desembarcavam com o objetivo de fazer negócios ou até mesmo enriquecer de uma forma rápida, já outros possuíam interesses em realizar estudos sobre a fauna e a flora, riquezas minerais e as populações desta região. Nesse sentido Prado (2020 p .96) diz que:

Por séculos imaginado e sonhado por viajantes estrangeiros, o Brasil, consagrado como o paraíso terrestre, desempenhou um papel importante na narrativa criada por aqueles que nele se aventuraram. O olhar do viajante estrangeiro sobre a sociedade brasileira e a natureza participou ativamente da construção de uma identidade e de uma literatura genuinamente nacional. Esse modelo eurocêntrico transformou-se em parâmetro, o olhar do outro que observa e que define, marcado pela dualidade entre o bem e o mal, o belo e o feio, como também marcado por alguns relatos fantasiosos.

É comum na maioria das vezes serem criadas narrações sobre a natureza no qual são romantizadas, onde o viajante possuía o intuito de mais querer de certa forma pintar trópicos com palavras do que escrever de uma forma científica aquilo que era visto (Araújo; Pacheco, 2017, p, (3).

Os autores também destacam que essas viagens mexiam com o imaginário dos viajantes Europeus. Parte desses viajantes que percorriam terras Brasileiras criavam a imagem do selvagem, exótico, e passavam ao mesmo tempo um misto de aventura em busca do mundo natural, ao mesmo tempo sentiam satisfação frente as belezas naturais.

Independentemente do tipo de interesse e motivos que esses viajantes buscavam, muitos deles realizavam registros em diários e livros, relacionados a sua impressão sobre a terra que via, e seus costumes. Esses relatos se tornaram de grande importância para a elaboração de ideias sobre o Brasil na Europa.

A Amazônia também chamou atenção por suas riquezas naturais. Como relata Domingos (2017, p. 14) muitos viajantes passaram pela região amazônica desde o século XVI quando a região começou a ser explorada e ocupada pelos conquistadores. Em alguns casos acontecia que os próprios colonos eram os que se tornavam responsáveis por descrever as viagens, e os mesmos produziam alguns estudos sobre a fauna e a flora daquela região.

A Amazônia fez parte dos relatos de vários naturalistas-viajantes, os mesmos visitaram a região em diferentes épocas e ficavam surpreendidos com sua exuberância e principalmente com a fauna, flora e sua sociodiversidade³. Como em toda viagem se é buscado uma melhor definição do que se ver, na Amazônia não foi diferente. Como menciona Nenevé (2020 p. 120-121)

[...]temos hoje um grande e significativo espaço dedicado aos debates críticos da atualidade concentrados, por exemplo, no discurso do viajante sobre o visitado entre outros discursos. As abordagens podem ser diversas, mas creio ser relevante, para nós da Amazônia, observar o discurso do viajante sobre esta região, sob uma perspectiva pós-colonial. Neste contexto, é bom lembrar que por algum tempo os relatos de viagem estavam inextricavelmente ligados à manutenção do imperialismo europeu. A viagem e seu produto, isto é, o relatório, ou o texto sobre a viagem, eram motivados e ao mesmo tempo motivavam a expansão colonialista, reforçando preconceitos e, de certa forma, justificando dominação de povos “superiores”.

Vale ressaltar que como citado pelo autor, é importante descrever aquilo que se ver, seja em diários, cartas e até fotografias para que assim também outras pessoas possam

³ Sociodiversidade: é um princípio da antropologia, que se diz respeito a fatores como distribuição geográfica. Línguas faladas, etnias e organização social. O Brasil possui grande sociodiversidade, além das comunidades indígenas e grupo sociais distintos.

ficar por dentro de acontecimentos através da leitura de determinados relatos, ressaltando a importância da veracidade daquilo que realmente foi visto.

A Amazônia nos últimos séculos recebeu diversos grupos de pessoas, no qual muitos eram aventureiros, militares, funcionários administrativos, cientistas e exploradores que deixaram também uma produção diversa, entre cartas, relatórios, diários, romances e que acabaram por forjar uma representação desse espaço, uma invenção. (FERNANDES; CARVALHO E CAMPOS 2020 p. 9)

Dessa maneira cada viajante que passou pela região amazônica possuía seus relatos exclusivos e sua concepção sobre aquilo que era visto. Estes informes deixaram suas marcas e se tornaram importantes para a Historiografia Brasileira. Estas histórias de viagens mostraram como era visto especificamente o território que hoje conhecemos como Estado do Amazonas, e como esses viajantes descreveram essa região em que estamos inseridos.

3. A Viagem ao Amazonas de Alfred Russel e Luís Agassiz

Neste capítulo será abordado sobre a viagem de dois autores que desembarcaram no Brasil com o intuito e desejo de conhecer e desvendar as riquezas existentes na região amazônica. Os dois autores Alfred Russel e Luís Agassiz desde muito cedo mostraram serem naturalistas com o desejo de viajar ao Brasil para conhecer suas riquezas. Estudar, colher, e fazer coleção daquilo que interessasse a História natural.

Assim pretende-se abordar sobre a chegada dos mesmos na região, desde a narração da embarcação que seguiram viagem até seus destinos, as primeiras impressões obtidas no qual deixavam os mesmos fascinados principalmente com a grandeza das florestas, espécies de plantas, animais, moradias, culturas e sua visão sobre os indígenas e até mesmo os mestiços.

3.1. A Amazônia sobre o olhar do naturalista Alfred Russel

Diniz (2017, p. 1) assinala que a Amazônia foi destacada como um universo totalmente admirável ao olhar europeu: são muitos os relatos que procuram descrever a

Amazônia, buscando revelar um universo atraente e que possuía lucros para seus pretensos colonizadores.

Alfred Russel, um viajante naturalista, viajou até a região amazônica para buscar no extremo norte do Brasil a sua legitimidade, quanto às pesquisas científicas, e estudo sobre a fauna e flora. Assim o fez, em uma expedição ao Amazonas e Rio Negro (Lopes, 2020, p. 42)

O naturalista Alfred Russel destaca a grandeza e beleza da Amazônia, seu vasto território de uma região única e sem igual. Menciona também que no Amazonas, a gente pode viajar semanas e até meses, pelo seu interior, em qualquer direção, sem encontrar a raridade de uma *jeira*⁴ de terra desprovida de árvores.

Continua ainda a descrever as riquezas do Amazonas:

Não há, talvez de parte alguma do globo uma região que contenha em sua superfície tamanha riqueza florestal, como a do vale do Amazonas. Em todo o seu território, excetuando-se algumas pequenas porções, é ele coberto de densa e alta floresta primitiva, sendo, ao mesmo tempo, a mais dilatada e mais selvagem, que existe na superfície da terra. É este o aspecto predominante do seu vasto território, revelando-se, de pronto, como região única, sem igual (WALLECE, 2004, P. 533).

Alfred Russel reforça e expõe a grandeza e a riqueza que habita o vale do Amazonas. Menciona ainda ser uma floresta primitiva, ou seja, uma floresta virgem, antiga, e com uma grande diversidade biológica, que nunca foi explorada. Ressalta também que em parte alguma do globo há floresta tão intensa e tão selvagem como essa.

As florestas do Amazonas distinguem-se de quaisquer outras da maior parte de outras regiões, pela variedade de espécies, que nelas se encontram. Aborda ainda ser a mais dilatada e selvagem que existe na face da terra colocando-a também como inabitável, esquecendo assim da existência de povos indígenas e sua ligação com a natureza. Ainda sobre os povos indígenas, Alfred também expõe:

[...] os índios do vale do Amazonas parecem ser, a muitos respeito, tanto física como intelectualmente, superiores aos de outras tribos do Sul do Brasil e de mais outras partes da América do Sul. Assemelham-se muito exatamente às nobres e inteligentes raças que habitam as pradarias ocidentais da América do Norte. Este meu ponto de vista é plenamente confirmado pelo príncipe Adalberto da Prússia, que foi o primeiro que viu e estudou os índios incivilizados do Sul do Brasil e,

⁴ Jeira: significa uma medida de terreno que varia de 19 a 36 metros hectares, conforme o país.

em seguida, os do Amazonas, e registra a sua surpresa e mesmo admiração pela grande superioridade destes últimos sobre aqueles, não só pelo vigor físico e pela beleza do corpo, mas também pela nobreza das disposições de caráter (WALLACE, 2004 p. 574)

Alfred Russel expõe sua visão em relação aos povos indígenas daquela região, e o compara com os de outras tribos do Brasil e também da América do Sul, assemelhando seu ponto de vista com o do príncipe Adalberto da Prússia. Ressaltando que os portugueses, na maioria das vezes, não reconheciam nos indígenas do Brasil ou do Amazonas uma cultura própria, eram incapazes de entendê-los, e muitas vezes os considerava como selvagens ou incivilizados.

A região amazônica também mexia com o imaginário de uma parte da população europeia, era composto pelas lendas orientais relatadas por Marco Polo, Jehan de Mandeville, Pierre d'Ailly, Jean de Plan de Carpin e Ibn Battuta (Bueno, 2002, p. 36).

Grande parte da população europeia acreditava em histórias e lendas muitas vezes criada por viajantes. Como relata (Bueno 2002, p. 36) muito antes da chegada dos Europeus a América, as narrativas de viagens já mesclavam o imaginário pagão e cristão. Como o mito das amazonas, mulheres guerreiras⁵ que Orellana afirma ter encontrado em sua viagem ao Amazonas. Russel escreve:

Acredito, portanto, em vista das razões que expendi, que a história das amazonas não passa de uma lenda, a qual deve ser colocada entre outras tais, como as que dizem respeito aos selvagens “homens-macacos”, aos quais Humboldt faz referência, e cuja tradição também ali encontrei, ao curupira ou demônio das florestas, e ao carbúnculo, do alto Amazonas e do Peru. E de todas estas superstições não tivemos até aqui elucidações tão satisfatórias, como presumo a que foi dada a respeito das amazonas guerreiras (RUSSEL, 2024 p. 595)

Em relação a Amazônia, (Bueno 2022, p. 39) ressalta que muitos foram as expedições, que ainda visitaram as novas terras e deixaram relatos sobre elas. A partir dessas primeiras expedições realizadas, foi feito com que fosse criado e recriado o imaginário europeu sobre o que seria toda essa viagem a América.

As pesquisas e os estudos a partir dos relatos de viajantes, foram e continuam sendo fundamentais e necessários, para que não só o mundo possa conhecer as culturas distintas, mas, também, para que a geração futura da cultura descrita possa assim

⁵ Amazonas guerreiras: de acordo com a mitologia grega, as Amazonas eram mulheres guerreiras especialistas em arco e flecha, que montadas a cavalo lutavam contra homens que tentavam submetê-las.

conhecer-se, entender-se e encontra-se por meio do que foi registrado por seus antepassados (Faria, 2021 p.148)

3.2. Amazônia, riquezas naturais, cultura e raças no relato de Luís Agassiz

A Amazônia é uma região que sempre foi conhecida por seus gigantescos recursos naturais, e vários viajantes que passaram pela região faziam questão de expor isso em seus relatos. De acordo com Freitas (2020, p. 42)

A Amazônia caracteriza-se por sua diversidade e complexidade e, longe de ser um ambiente harmonioso, faz-se antagônico⁶, já que não é somente a natureza que compõe o vasto território, mas sim, o homem e suas formas de relação com ela. Além da natureza que compõe a fauna e flora num território tão extenso, fazem parte desse território vários povos em contextos de interação e complexidades homem/natureza.

Luís Agassiz, um viajante naturalista, que se sentia atraído pelo Brasil, por um desejo de quase toda vida, buscava no extremo norte do Brasil, respostas para a suas pesquisas científicas. O mundo em que os viajantes viviam estava relacionado com a ciência natural, através dela, esses naturalistas relatavam suas viagens de expedição, tendo como objetivo descrever os estudos a fauna e flora (FREITAS, 2020 p. 26). A primeira viagem do viajante Luís Agassiz sobre o rio Amazonas se deu em um domingo, o autor relata:

Este é o nosso primeiro domingo sobre o rio Amazonas; com efeito, por mais vivamente que se discuta a questão de saber se os dois grandes canais que contornam a ilha de Marajó devem ser considerados como os braços do grande rio, é impossível, desde que se deixa a cidade do Pará, não sentir que se entrou no Amazonas (AGASSIZ, 1865-1866 p. 163).

Agassiz durante sua viagem de barco, do Pará ao Amazonas, descreve o camarote em que esteve, e se mostra bastante admirado com o rio que não parecia um rio, a corrente

⁶Antagônico: característica do que é contrário ou oposto; contrário, incompatível, oposto: argumento antagônico. Contrário estabelecido entre duas noções, conceitos, ideias etc.

geral, o mar de água doce, é dificilmente perceptível à vista e mais se parece com as vagas de um oceano do que um curso de água mediterrâneo. O mesmo ficava hipnotizado e encantado com a gigantesca floresta e diversos tipos de árvores daquele lugar.

O que também chamou bastante atenção de Agassiz, foi a mistura de raças, a pele clara do homem branco, a grosseira e lisa cabeleira preta do índio, ou então as formas metade negro, metade índio, que apresentam os mestiços cujos cabelos não possuem mais ondulações fina. Segundo Alves (2010, p. 12)

Os mestiços⁷ brasileiros, assim, eram distinguidos tanto dos brancos quanto dos índios não por uma cultura própria, que estava surgindo do encontro que lhes deu origem, mas por suas características genealógica distinta de todos os brancos e de todos os índios. Foi esta a consciência de uma condição distinta que levou ao surgimento da sua etnia e, depois, da nação brasileira.

Em uma viagem de canoa pelo Amazonas considerando-a encantador no qual nunca o esquecerá. Agassiz cita ainda sua aproximação com um indígena que encontrou na viagem, no qual foi convidado para ir até sua casa um pouco mais distante da floresta, mas que aproveitou o percurso para admirar e mergulhar nas profundezas da floresta.

O mesmo relata como foi sua aproximação e seu olhar sobre essa cultura que é um pouco diferente da sua realidade. Na intimidade dos índios, à medida que o tempo vai passando vamo-nos tornando mais familiares com os nossos rústicos amigos, e começamos a compreender as relações que mantém entre si (AGASSIZ, 1985-1986, p. 185-186).

Após visitar algumas cabanas, Agassiz entra na floresta e sai colhendo plantas para seus herbários⁸, compra alguns animais e vasos, e adiciona um número considerável de espécie para a sua coleção de peixe. Ainda que para algumas pessoas, a viagem subindo o Amazonas seja monótona, ou seja, que não demonstra nenhuma novidade, mas que para ele foi algo encantador, e admiti que a floresta é algo bastante novo Agassiz (1985-1986, p. 166-167).

Assim conclui-se alguns apontamentos sobre a obra de Alfred Russel e Luís Agassiz, e seus olhares sobre a região amazônica. É importante destacar que muitos outros

⁷ Os mestiços são pessoas que descendem de duas ou mais etnias diferentes, possuindo características de cada uma das etnias e povos de que descendem. A palavra mestiço vem do latim e é usada para qualificar pessoas nascidas de país e de raça diferente.

⁸ Herbário é uma coleção dinâmica de plantas secas prensadas, de onde se extrai, utiliza e adiciona informação sobre cada uma das populações e / ou espécies conhecidas e sobre novas espécies de plantas.

naturalistas passaram pela região amazônica e também deixaram suas obras e relatos, mas apenas esses dois autores foram escolhidos para que assim fosse falado um pouco sobre suas trajetórias.

Através da leitura de determinados relatos sobre essa temática é possível perceber, que o uso das narrativas de viajantes se torna uma ferramenta importante quando usado e trabalhado no ensino de história. As informações descritas sobre as viagens têm uma ligação como fonte histórica, por esse motivo se torna tão importante para diversos momentos ao longo da disciplina, possibilitando assim uma melhor compreensão do passado.

4. Considerações finais

O presente trabalho de conclusão de curso, buscou compreender a importância dos relatos de viagens para a historiografia, deixados por viajantes sobre a região Amazônica, sua importância como fontes históricas, e as representações feitas por alguns naturalistas, entre eles, Alfred Russel e Luís Agassiz em suas obras “viagem Pelo Amazonas e Rio Negro” e “viagem ao Brasil”. Partindo dos seus desejos de viajar ao Brasil e suas trajetórias na região amazônica.

Podemos perceber que ao longo da trajetória dos autores analisados, o contato se tornou fundamental para que assim suas pesquisas pudessem acontecer e serem concluídas em meio ao interesse que os mesmos possuíam em pesquisar sobre a fauna e flora. É possível sinalizar que muitos elementos tiveram partes importantes nas histórias de viajantes como por exemplo, os indígenas, os mestiços, a biodiversidade da região Amazônica, entre outros elementos.

A História dos viajantes em relação ao Amazonas, abrange uma grandiosidade de fatos e buscas, como por exemplo, aqueles que eram enviados e possuíam suas despesas pagas por pessoas da nobreza em busca de riquezas, ou até mesmo estudiosos, artistas, cientistas, entre outros. Alguns desembarcavam com o objetivo de fazer negócios ou até mesmo enriquecer de uma forma rápida, ou possuíam interesses em realizar estudos sobre a fauna e a flora.

Os relatos de viagens não eram deixados apenas por viajantes, seja qual fosse o motivo que os levassem a região amazônica, muitas pessoas aproveitavam para escreverem suas experiências, e o que vivenciavam. O relato é uma fonte que envolve

vários agentes, mas somente quem descreve, tem autonomia no que escreve sobre si mesmo, e sobre o outro, no qual muitas vezes é narrado a partir de seus interesses particulares e da sua visão de mundo, havendo sempre uma quebra de realidade vivida e compartilhada no cotidiano, pois o relato também é parte de uma realidade.

Outro ponto importante a ser destacado é sobre o imaginário europeu, que é citado em vários artigos e até livros, mas não mostram de uma forma direta e clara mais detalhes do porquê esses primeiros viajantes possuíam esse imaginário tão fértil que fizeram com que, muitas vezes fosse criado a imagem do selvagem e exótico.

Por isso, cabe aos historiadores desconstruir a ideia do exótico, muitas vezes consideradas por europeus, apenas pelo fato das regiões visitadas não possuírem as mesmas características que as suas, é importante entender que a realidade pode ser emitida em seus relatos, pois sabe-se que as interações não se resumem apenas ao que está sendo dito ou convivido em dias.

As várias fontes de informações existentes ajudam a entender sobre essa realidade. Assim espera-se que mais pesquisas embasadas no uso de relatos de viagens sejam usadas e exploradas com o intuito de desconstruir o imaginário, tanto no século XIX quanto em outros que houveram narrações de pesquisas relacionadas a História.

Por fim, conclui-se que as histórias de viagens são essenciais para o trabalho dos historiadores, e sempre se fazem presente tanto nos processos de ensino aprendizagem quanto no uso acadêmico. Esses relatos deixados são importantes fontes sobre a Amazônia, e se tornam uma fonte rica em definição para compreender a dinâmica da região amazônica em determinado período da história, na qual foi feito registros sobre o homem e a natureza.

5. Fontes

AGASSIZ, Luiz, E.C; AGASSIZ. **Viagem ao Brasil 1865-1866**. O Brasil visto por estrangeiros. Brasília, 2000.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro**. Nota de Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal; Concelho Editorial, 2004. (Edição do Senado Federal, vol. 17).

6. Referências

ALVES, Leão. O livro do mestiço. **Mestiço Brasileiro, nosso povo, nossa etnia**. 2010 p. 12

ARAÚJO, Lucas Monteiro; PACHECO, Agenor Sarraf. **A Amazônia Marajoara em relatos: as narrativas sobre a Fauna e a Flora**, 2017.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa**. São Paulo. 200: p. 36-39.

DINIZ, Silvania Pinheiro. **O contexto amazônico sob o olhar do colonizador europeu e o silenciamento dos indígenas e seringueiros colonizados**. Revista Tropos, ISSN: 2358-212X, volume 6, número 1, edição de julho de 2017. P. 1.

DOMINGOS, Marileia Oliveira. Santarém sob o olhar dos viajantes (1825-1850) Santarém 2017, p. 14.

FARIA, André Luiz. **O gênero de viagem e a construção dos sujeitos: impressões e distorções a partir do olhar**. 2021 p. 148.

FERNÁNDEZ, A. P; FERNANDES, M. L. Viajar e narrar na construção da História e dos Imaginários. *In*: FERNANDES, M. F.; CARVALHO, F. A.; CAMPOS, S. P. P. (org.). **Sobre viagens, viajantes e representação da Amazônia**. Roraima: UFRR. 2020. p. 8-17.

NENEVÉ, Miguel. Que diferença faz um século? Duas obras de literatura de viagem sobre a Amazônia e um discurso. *In*: FERNANDES, L. M.; CARVALHO, A. F. A.; CAMPOS, S. P. P. (org.). **Sobre viagens, viajantes e representação da Amazônia**. Roraima: UFRR. 2020. p. 119-138.

PRADO, E. C. Dos viajantes do século XVI, às narrativas contemporâneas: um estudo sobre o Brasil imaginado. *In*: FERNANDES, M. F.; CARVALHO, F. A.; CAMPOS, S. P. P. (org.). **Sobre viagens, viajantes e representação da Amazônia**. Roraima: UFRR. 2020. p. 96-118.

FREITAS, Dyelmison Roldão Lopes. **Os povos da Amazônia e as teorias raciais no relato do viajante Alfred Russel Wallace**. (1848-1852): 2020 p. 26-42.

Recebido em: 04.11.2024

Aprovado em: 19.11.2024